

BUNKER

O otimismo dos pessimistas



Bunker: The optimism of the pessimistic

Laura Belik

University of California Berkeley

Ph.D. Candidate in Architecture - History, Theory, and Society | Berkeley, United States
of America

laurabelik@berkeley.edu | ORCID iD: 0000-0001-6535-553X

Resumo

Este artigo reflete sobre as diferentes formas e usos dos bunkers historicamente, e como cada iteração deste tipo de espaço retrata valores e disputas sociais de seu tempo. Respondendo ao exercício proposto pelo sociólogo Raymond Williams (1976) em seu canônico livro *Keywords*, esta pesquisa revisita a palavra “bunker” e seus variados significados. Originalmente, bunkers foram criados como formações espaciais para esconderijo, abrigo e proteção. Bunkers foram difundidos na Primeira Guerra Mundial como estratégia militar, e seguiram servindo diferentes usos ao longo dos anos. Apesar de tradicionalmente conhecidos como espaços subterrâneos insalubres, este artigo mostra a evolução espacial dos bunkers, que não apenas deixaram de ser necessariamente enterrados, como também passaram a servir a variadas funções e usos, dependendo do seu contexto e momento histórico.

Palavras-chave

bunker; abrigo; proteção; fortificação; esconderijo.

Abstract

This paper reflects on the different forms and uses of bunkers historically, and how each iteration of this type of space portrays values and social disputes of their time. Responding to the exercise proposed by sociologist Raymond Williams (1976) in his seminal book *Keywords*, this research revisits the word “bunker” and its various meanings. Originally, bunkers were built as shelter and protection. Bunker-types were widely spread during WWI as a military strategy, and these kinds of spaces continued to serve different uses over the years. Although traditionally known as insalubrious underground spaces, this article shows how bunkers evolved. Today these spaces are no longer necessarily buried or hidden, and serve a variety of functions, depending on context and historical moment.

Keywords

bunker; shelter; protection; seclusion; underground.



O *bunker*¹, tradicional abrigo subterrâneo construído como um espaço de isolamento, acolhimento e proteção, voltou às pautas e discussões referentes ao lugar do não-lugar neste conturbado início dos anos 2020. O pessimismo exacerbado de tempos pandêmicos, de uma iminência de guerra, das inúmeras catástrofes [não tão] naturais² talvez expliquem um pouco do sentimento coletivo pela busca da fuga e do esconderijo. Mas o *bunker* do século XXI, o *bunker* que conhecemos hoje, já não é mais [apenas] aquele espaço de confinamento do século XX. O *bunker* de hoje segue sendo um abrigo, mas tanto sua espacialidade quanto sua finalidade ganham novas iterações³.

Raymond Williams, com seu canônico livro/manual *Keywords: A vocabulary of Culture and Society*, lançado em 1976, buscava definições culturais de certas palavras-chave da sociedade da sua época. Williams discute que a língua e as palavras estão em constante evolução e dependem muito de seu

¹ A reflexão apresentada neste ensaio é fruto de um projeto de pesquisa paralelo ao meu doutorado em andamento. Junto a este ensaio, a autora também está organizando uma exposição fotográfica sobre o tema que será realizada na Environmental Design Library da Universidade da Califórnia, Berkeley, com inauguração prevista para maio de 2023, intitulada “Bunker: The optimism of the pessimistic”. Agradeço aos amigos e colegas Adriano Godoy, Lis Blanco e Flavia Leite, e aos pareceristas e editores da revista *Novos Debates* pela leitura e comentários sobre este ensaio.

² Sobre este ponto, ver Smith (2006).

³ O uso do termo “iteração” indica o processo de repetição e também da busca pelo alcance de certa condição desejada; “iteração” é um processo de progressão refazendo ou refinando algo sucessivamente. Proponho aqui o uso deste termo que é originalmente emprestado do campo da matemática para entendermos as variações progressivas dos espaços e objetos. Vejo a direta correlação linguística de uma “iteração” com a proposta da escolha de “palavras-chave”. Neste ensaio, busco entender justamente as várias adaptações dos *bunkers* em diferentes locais e momentos históricos, sendo estas repetições e refinamentos específicos também dos valores de cada contexto. Com isso, aponto que cada novo tipo de *bunker* analisado, ainda que servindo os mesmos princípios do sentido original da palavra, não é apenas uma cópia de um momento anterior, mas um reflexo das condições do local e momento histórico em que está inserido. As diferenças práticas de cada um destes espaços nos ajudam a entender a cultura vigente. A formação de cada *bunker*, ainda que servindo um propósito comum ao longo dos anos, tem suas particularidades conforme as circunstâncias.

tempo e contexto, e, portanto, que os significados de certas palavras e expressões devem ser constantemente revisitados e reinterpretados. No estudo filológico proposto pelo autor cada palavra-chave selecionada é analisada a partir questões que surgem na intersecção entre os campos da linguística e da crítica literária/textual de maneira mais ampla, com grande atenção dirigida ao contexto histórico e cultural⁴. Para Williams (1976), esta investigação sobre o vocabulário consiste em estabelecer o significado disponível e em desenvolvimento das palavras, seguindo suas conexões explícitas e implícitas com as experiências cotidianas. O *bunker*, a meu ver, é um bom exemplo para colocarmos em prática hoje o exercício proposto por Williams nos anos 1970. O *bunker* é fruto do contexto no qual está inserido, mas ao mesmo tempo sua denominação indica um propósito e uso comum invariável.

Diante do recente período de reclusão coletiva em resposta à pandemia da COVID-19, minha proposta de abordar o *bunker* como uma palavra-chave é um convite para refletirmos sobre os novos tempos de crise do século XXI, e as respostas da nossa sociedade a estas tensões através da forma do ambiente construído; proponho uma reflexão sobre o que são e como são criados os espaços de proteção e preservação diante de iminentes ameaças coletivas vigentes. Para isso, apresento exemplos e debates tanto sobre os diferentes contextos que impõe a prática do isolamento e a criação de espaços como os *bunkers*, quanto uma análise sobre os espaços de isolamento em si.

Entendo o *bunker* como uma palavra-chave, no sentido proposto por Williams (1976) e, paralelamente, como um exemplo de “não-lugar”, tal como discutido por Marc Augé (1995)⁵. Como não-lugar, o *bunker* reforça o paradoxo de sua

⁴ Vale enfatizar aqui que a concepção de “cultura” de Williams remete a um campo de luta em torno da significação social. Na década de 60, Williams, junto a Stuart Hall e Richard Hoggart, foi considerado como um dos fundadores da disciplina dos Estudos Culturais. Seu livro *Culture and Society, 1780-1950* (originalmente publicado em 1958) é considerado um marco desse campo, ao materializar uma nova forma de discutir os fatos culturais, reunindo análises literárias e sociopolíticas (Williams 1966).

⁵ O antropólogo francês Marc Augé cunhou o termo não-lugar na década de 1990 com sua publicação “*Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*”. Augé considera como não-lugares espaços em que há um apagamento de qualquer referência a historicidades ou identidades culturais. O autor explica o conceito do não-lugar através da análise do espaço do “agora”, com seu tempo antropológico da experiência, em oposição ao espaço do “aqui”, da colonização de uma

transitoriedade sendo um esconderijo ou abrigo temporário – um espaço de passagem e de espera, que não necessariamente configura um espaço identitário conformado por experiências compartilhadas entre seus membros/ usuários. Segundo Augé (1995), o “não-lugar” se opõe ao que entendemos como esse espaço identitário, denominado pelo autor de “espaço antropológico”. Ao mesmo tempo, ao anunciar o *bunker* como uma palavra-chave, eu busco abordar seu uso específico em relação ao contexto em que está inserido, entendendo-o, portanto, como um termo característico de um determinado espaço e tempo, representando a materialização de um certo momento social e suas tensões. As condições *de fora* do *bunker* são claras e específicas, e é isso que produz o espaço *de dentro* do *bunker*, que por sua vez, tem outra relação com a ideia de identidade, historicidade e experiência.

Considerando estas discussões sobre *bunkers*, seu contexto e seus usos, este ensaio traz diferentes exemplos destes espaços através de descrições textuais e de uma seleção de imagens. Busco entender cronologicamente as diferentes iterações de *bunkers* ao longo da história, levando em conta como cada exemplo responde a preocupações culturais de seu tempo. As imagens e descrições espaciais ajudam a revelar similaridades e diferenças entre cada situação, ainda que o fio condutor desta análise seja o princípio comum da existência de um *bunker* em qualquer momento ou localização: vivências ligadas à proteção, segurança, isolamento e principalmente, à fuga das adversidades e ameaças externas. O *bunker*, portanto, assim como outras palavras-chave propostas pelo exercício de Williams (1976), serve como um estímulo para analisarmos certas práticas sociais e culturais de determinado local e época, sendo que cada exemplo apresentado nos ajuda a revisitar o sentido do termo escolhido.

localidade (Augé 1995:15). Vale expor também que uma das contradições deste conceito de não-lugar se dá a partir da questão da subjetividade, quando um mesmo espaço é entendido e utilizado por diferentes usuários de formas distintas. Para mais detalhes sobre esse debate, ver Augé (1995).



Imagem 1: Derinkuyu, cidade subterrânea na Capadócia, Turquia.

Fonte: Wikimedia Commons e Nevit Dilmen (2014)

A palavra “*bunker*” tem sua origem da antiga palavra Sueca “*bunke*”, que fazia menção a pranchas ou placas de proteção usadas em navios de carga. Mas os primeiros vestígios de espaços de *bunkers* vêm dos anos 1200AC, na região da Capadócia (Turquia). Lá foram encontradas cidades subterrâneas esculpidas em pedra vulcânica formando um complexo de túneis e aberturas internas, abrigando espaços para se viver, trabalhar e armazenar alimentos e objetos. Estes mesmos espaços são mais tarde incorporados e utilizados pelo império Romano, servindo de refúgio para cristãos perseguidos. Concomitantemente, abrigos de segurança começam a ser construídos em Pompéia como proteção ao então imperador Nero (Garret 2020).

Apesar destes exemplos predecessores, *bunkers* modernos foram mais disseminados na Europa e Estados Unidos apenas na Primeira Guerra Mundial, quando estes espaços subterrâneos altamente fortificados se tornaram uma estratégia para resguardar soldados de ataques aéreos. Já na Segunda

Guerra, o uso dos *bunkers* continuou e se expandiu, tanto na dimensão da estrutura física das construções, como das possibilidades pensadas para seu uso (agora também abrigando a população civil) Além do famoso *Führerbunker*, complexo subterrâneo que serviu como esconderijo de Hitler em Berlim, o exército Nazista também ficou encarregado de construir a *Atlantikwall* (1942-44), um extenso sistema de defesa fortificado englobando a costa do continente europeu até a Escandinávia (Kaufmann *et al* 2012). Esta obra de engenharia e arquitetura liderada por Fritz Todt e em seguida por Albert Speers ganhou fama nas propagandas Nazistas dado sua complexidade e simbolismo de domínio e força. Ao longo da costa, tropas Nazistas se posicionavam para defender e atacar seus inimigos usando esse sistema de fortes, barreiras e abrigos enterrados ou semienterrados no declive da linha costeira. A *Atlantikwall* é particularmente emblemática visto que apesar do grande esforço linear de proteção da costa, foi justamente a queda destas fortificações que representaram a derrota do Eixo no famoso dia D, na praia da Normandia em 1944. Hoje a maior parte destas construções remanescentes foram desativadas, destruídas, ou foram naturalmente dilapidadas pela força da maré e dos ventos.



Imagem 2: Bunker abandonado na costa Francesa. Registro feito por Paul Virilio, entre 1958-65.

Fonte: Virilio (2009).

O bunker abandonado foi registrado por Paul Virílio, autor de *Bunker Archeology* (Arqueologia do *Bunker*), um dos projetos fotográficos mais conhecidos sobre o tema. Na obra publicada pela primeira vez em 1975, o autor registrou e refletiu sobre as ruínas dos antigos *bunkers* nazistas da *Atlantikwall*. Entre 1958-1965, Virilio viajou pela costa francesa buscando os destroços remanescentes das fortificações da Segunda Guerra.

Seus registros e análises incluindo fotos, plantas, cortes, mapas e textos foram compartilhadas com o público primeiro através de uma exposição no *Musée des Arts Décoratifs* (1975-1976), e depois com a publicação do catálogo do evento em formato de livro. Virilio comenta que muitas das construções dos *bunkers* da costa francesa são o que ele denomina como “monolitos”, estruturas semienterradas altamente fortificadas e visíveis. O autor considera essas construções de abrigos algo teatral, com um valor psicológico e não apenas puramente estratégico, sendo a visibilidade do objeto algo intencional, justamente por aparentar ser impenetrável (Virílio 2009).

Mas não foram apenas os alemães que construíram abrigos e fortificações megalomaníacas como estratégia de guerra na década de 1940. Vale lembrar de iniciativas como o *Manhattan Project*, nos Estados Unidos, que levou o conceito de esconderijo e invisibilidade do *bunker* a um outro nível e escala. Este projeto confidencial de armamento nuclear dos EUA criou cidades inteiras⁶ em locais isolados no deserto – e que oficialmente não constavam no mapa – para desenvolver e testar experimentos com urânio. As chamadas *Atomic Cities* funcionaram como um verdadeiro ensaio social, militar, político e arquitetônico (Life Magazine 1945). Famílias inteiras eram atraídas para as cidades secretas sem ao menos saber a finalidade dos seus trabalhos. Patriotismo, bons salários e uma vida bem equipada ajudavam na decisão dos novos moradores a fazer essa mudança, prometendo em troca, discrição e confidência⁷. As *Atomic Cities* contavam com um projeto de urbanização suburbano impecável, incluindo escolas, hospitais, bibliotecas, restaurantes, lojas, áreas de esporte e lazer e ruas arborizadas. Mas sobretudo, essas cidades garantiam um sistema de alta segurança, com entradas e saídas extremamente controladas, garantindo assim o isolamento e sigilo do projeto. Logo na entrada um grande cartaz já ditava as regras:

“O que você vê aqui
O que você faz aqui
O que você ouve aqui

⁶ Los Alamos, em Novo Mexico, Oak Ridge no estado do Tennessee e Hanford/ Richland no estado de Washington.

⁷ Algumas das impressões e relatos de antigos moradores e colaboradores do Manhattan Project foram coletados e estão disponíveis através do Manhattan Project Voices, uma iniciativa em conjunto entre o Atomic Heritage Foundation e Los Alamos Historical Society. Disponível em: <https://www.manhattanprojectvoices.org/>. Acesso em 11 jan de 23.

Quando você sair daqui
Deixe essas coisas ficarem aqui.”
(tradução da autora)



Imagem 3: Outdoor na entrada da comunidade de Oak Ridge pedindo discrição aos moradores e visitantes
Fonte: Wikimedia Commons e James E. Westcott (1940).

Hoje, desativados os centros nucleares secretos, as antigas construções das *Atomic Cities* foram abertas à visitação pública, sendo incorporadas ao Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos.⁸ Contudo, esta estratégia militar de “tirar do mapa” complexos sigilosos é utilizada ainda hoje, inibindo grandes espaços de serem identificados por sistemas de mapeamento e GPS que civis têm acesso. O geógrafo, fotógrafo e artista norte americano, Trevor Paglen busca justamente visualizar o que o Estado tenta tornar invisível. Em sua obra “Open Hangar, Cactus Flats, NV, Distance ~ 18 miles, 10:04 a.m”, realizada em 2007, o

⁸ Informação disponível em: U.S.National Park Service. <https://www.nps.gov/mapr/planyourvisit/index.htm>. Acesso 11 jan 23.

artista expõe instalações e bases militares confidenciais localizadas em áreas remotas pelos Estados Unidos através de fotografias tiradas à distância. Dado o afastamento do objeto, as ondas de calor do ambiente desértico e a exposição prolongada da foto, a imagem resultante se parece com uma paisagem borrada. A dicotomia entre o que o público consegue e não consegue ver – entre o que sabemos e o que é escondido da população – é justamente a crítica que Paglen traz à tona. Para Paglen, o resultado do seu trabalho é tão importante quanto o ato de realizá-lo: “não é apenas sobre captar as imagens destes espaços, mas a performance de alguém tentar captar essas imagens”⁹.

Já os tradicionais *bunkers* subterrâneos continuaram como opções espaciais populares para proteção em confrontos militares, mesmo depois da Segunda Guerra. A Guerra Fria trouxe uma nova preocupação para o espaço de isolamento e sua vedação aos efeitos radioativos das armas nucleares. Em Helsinque, na Finlândia, por exemplo, desde os anos 1960 está sendo construído um grande complexo subterrâneo cujo objetivo é, se necessário, abrigar a população inteira da cidade garantindo a segurança dos cidadãos (algo que voltou a ser uma grande preocupação com as recentes discussões sobre a OTAN e o conflito entre Rússia e Ucrânia¹⁰). O projeto e plano diretor chamado “Underground Helsinki”¹¹ inclui o acolhimento de infraestruturas básicas como centrais elétricas, de água e combustíveis fósseis. Túneis conectam as diferentes partes da cidade a saídas estratégicas e aeroportos. Hoje apenas por volta

⁹ Relato feito durante apresentação em 24 de abril de 2018 na Universidade da Califórnia, Berkeley. Disponível em: <https://arts.berkeley.edu/mapping-as-research-with-trevor-paglen/>. Acesso 11 jan 23.

¹⁰ A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) é uma aliança formada por trinta países, implementada em 1949 em resposta à Guerra Fria, e que continuou depois dos anos 1990 como um acordo para zelar pelos interesses econômicos dos membros. A aliança tem papel importante na atual disputa entre Rússia e Ucrânia. Apesar da Ucrânia não ser um membro da OTAN, o país é considerado um parceiro, e a possibilidade de seu ingresso oficial à aliança foi considerada pela Rússia como uma ameaça à sua hegemonia e integridade territorial, sendo este um dos motivos apresentados pelos russos para justificar a invasão do território Ucrainiano no início de 2022. Países como a Finlândia e a Suécia apesar de adotar uma postura de neutralidade em relação à OTAN retomaram conversas sobre adesão ao bloco como opção de segurança no caso de eventuais novos conflitos.

¹¹ Mais informações sobre o projeto de Helsinki disponível em: <https://www.myhelsinki.fi/en/see-and-do/underground-helsinki> Acesso 11 jan de 23.

de 30% desta estrutura subterrânea pode ser acessada pela população em geral, sendo estes espaços já incorporados ao cotidiano finlandês (independente de uma ameaça bélica), contando com piscinas públicas, igrejas, dentre outros atrativos especialmente úteis durante o inverno.

Tal como o *bunker*, o *túnel* aparece como um ambiente estratégico. De acordo com o geógrafo Franck Billé (2022), o espaço subterrâneo é tão útil e produtivo quanto o espaço terrestre ou aéreo. O subterrâneo é carregado de significados, dando espaço para a imaginação, o medo, e também para a utopia. Billé (2022) discute como túneis, em particular, constituem vetores de movimento que fazem alusão e ao mesmo tempo complicam o espaço da superfície. Diferentemente de pontes ou viadutos, os túneis atravessam espaços que não são visualmente acessíveis, e por isso acabam criando uma conexão ou imaginário que se associa a um espaço de perigo, mas ao mesmo tempo também a uma ideia de escape e segurança. Além disso, passagens subterrâneas podem ser associadas a atos subversivos, secretos ou de resistência, cruzando fronteiras e desviando de conflitos legalmente ou ilegalmente, como é o caso da resistência Palestina à ocupação Israelense, ou das rotas de tráfico entre o México e os Estados Unidos. O subterrâneo, portanto, nestes casos é associado a aspectos tácitos e também reprimidos de identidade política (Billé 2022). Ademais, vale lembrar dos túneis usados para infraestrutura subterrânea, como as tubulações de esgoto e água, cabos de telefonia e internet. Apesar de fora do campo de visão, essas tubulações são parte essencial do funcionamento da vida urbana na superfície. A antropóloga Shannon Mattern (2013) traz à tona justamente a discussão de como é importante a revelação dessa infraestrutura subterrânea para o reconhecimento de sua eficácia e também da nossa dependência a esse tipo de túnel. Portanto, apesar de não serem propriamente bunkers ou abrigos subterrâneos (necessariamente), túneis de certa forma seguem o mesmo princípio de proteção e abrigo, mas também com a sua particularidade de servirem como conexão.

Retomando as discussões sobre o uso dos *bunkers* especificamente, o fotógrafo Richard Ross (2004), em seu ensaio “*Waiting For The End Of The World*” [Esperando pelo fim do mundo] registrou uma série de abrigos subterrâneos pelo mundo, dentre eles o *Trendy Griboyedov Club*, em São Petersburgo. Ross descreve como são usados hoje os espaços desativados de antigos abrigos nucleares, e como ele entende o otimismo que tais

construções um dia trouxeram aos cidadãos mais pessimistas: Abrigos representam ao mesmo tempo a expectativa da destruição da humanidade, mas também a esperança de um possível portal para sobrevivência, mesmo que no fundo, gerem apenas um efeito placebo. O antropólogo Joseph Masco (2006), ao refletir sobre as construções e abrigos da guerra fria descreve que a sala enterrada e sem janelas, em tempos de guerra nuclear, se tornou o local onde o futuro é ao mesmo tempo aprisionado, mas também reinimaginado.

Apesar de muitos dos antigos *bunkers* originalmente construídos para proteção civil e militar hoje estarem em ruínas, inutilizados ou repaginados, como é o caso dos *bunkers* turísticos na costa francesa ou as estruturas subterrâneas usadas por boates russas, ainda existe em muitos lugares pelo mundo, o medo da iminência de um ataque, e a busca por um refúgio seguro. Em Israel, por exemplo, existe uma lei desde 1951 que obriga todos os edifícios (residenciais, comerciais, governamentais etc.) a estarem equipados ou ter fácil acesso a abrigos e *bunkers*. O fotógrafo Adam Reynolds, inspirado pelo trabalho de Richard Ross, documenta, desde 2014, como são esses diferentes espaços de segurança pelo país¹². O trabalho de Reynolds nos ajuda a entender e desmistificar um *bunker* ativo para além da convencional e desagradável cova hermética. Abrigos podem ter os mais variados tamanhos, usos e formas. Muitos dos espaços têm um uso cotidiano, como garagens subterrâneas por exemplo, e podem ser convertidos em refúgio dada a necessidade. Muitos refúgios apesar de seu formato original fortificado, são repaginados por dentro funcionando geralmente como estúdios de dança, centros comunitários, sinagogas, mesquitas, e até mesmo bares. Apesar do senso de “normalidade”, Reynolds intitula sua serie fotográfica como “*Architecture of An Existential Threat*” [Arquitetura de uma ameaça existencial], expressando como ele vê os *bunkers* em Israel como espaços controversos que ao mesmo tempo mostram a resiliência do país como nação, e sua falta de habilidade para lidar com os históricos conflitos territoriais, sociais, culturais e políticos da região (Reynolds e Spera 2017).

¹² Alguns dos registros podem ser acessados em: “Doomsday dens: Inside Israel’s bomb shelters - in pictures”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2017/aug/14/israel-bomb-shelters-adam-reynolds-photography>. Acesso 11 jan 23.



Imagem 4: Transformação de bunker e abrigos em Israel para uso cotidiano.

Fonte: Reynolds e Spera (2017).

Voltando às reflexões de Ross sobre como *bunkers* simbolizam a destruição e ao mesmo tempo a esperança para os poucos sobreviventes, vale expor aqui também algumas recentes iniciativas privadas de refúgio para a “chegada do fim do mundo”. Os *bunkers* de luxo conhecidos como “*doomsday bunkers*” vendidos a aproximadamente 3 milhões de dólares contam com apartamentos individuais e áreas comuns para lazer e serviços como os espaços das piscinas, cinema, biblioteca, salas recreativas, horta hidropônica, dentre outros.¹³ Em uma entrevista, o dono e idealizador do já esgotado “condomínio da sobrevivência” no Kansas¹⁴, Larry Hall, explicou como os espaços subterrâneos criados são agradáveis para o usuário, e que sua concepção e desenho foi realizado por uma equipe de profissionais, incluindo psicólogos. As janelas eletrônicas, por

¹³ Fonte: “Weapons rooms, fake windows and a \$3m price tag: inside a luxury doomsday bunker”. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2020/aug/01/3m-price-tag-inside-luxury-doomsday-bunker>. Acesso 11 jan 23.

¹⁴ Mais informações sobre o “condomínio da sobrevivência” disponíveis em: <https://survivalcondo.com/>. Acesso 11 jan 23.

exemplo, são feitas com telas de led, e o usuário pode escolher a imagem que gostaria de olhar todos os dias¹⁵. Também não é preciso esperar pelo pior para aproveitar as instalações e segurança do espaço. Hall conta que muitos de seus clientes vem passar as férias e feriados aproveitando o que o condomínio tem para oferecer (Stamp 2019). No evento de uma grande fatalidade, Hall enfatiza a exclusividade do espaço: somente os proprietários podem passar pelas pesadas portas de segurança (Stamp 2019).



Imagem 5: Imagem de divulgação condomínio de luxo subterrâneo em Kansas, Estados Unidos.
Fonte: Survival Condo.

Mas além de resguardar (ou excluir) pessoas, os *bunkers* atuais também são desenhados como cofres, para manter o que hoje nossa sociedade julga como mais valioso na era da

¹⁵ Para Marc Augé (1995) essas amenidades e atividades propostas dentro do espaço isolado do bunker seriam consideradas como os “não-lugares reais da supermodernidade”, sendo experiências que “tomamos emprestado” de outros lugares enquanto estamos em um não-lugar. O caráter genérico destas vivências remete a uma busca pela familiaridade, ao mesmo tempo que aquilo não foi experimentado em outro contexto necessariamente. O usuário do não-lugar cria então uma nova experiência em relação àquela atividade proposta (ou imposta), mas que não necessariamente é identitária (Augé 1995:88).

[des]informação: dados. O *Swiss Fort Knox* (ou *Mount10*)¹⁶, nos Alpes Suíços, é um dos centros de dados de alta segurança existentes, conhecidos como *data bunkers*. Este centro é administrado por uma iniciativa privada, em operação através da empresa de segurança SIAG Secure Infostore AG, e utiliza o espaço de um antigo *bunker* militar de 1946 escondido dentro das montanhas para armazenar mídias digitais desde a década de 1990. *Mount10* oferece aos seus clientes acesso e conservação de longa data ao seu espólio digital, cultural e científico. Outro exemplo de armazenamento digital é o *Arctic World Archive* (AWA)¹⁷, inaugurado em 2017, localizado no arquipélago de Svalbard, na Noruega. Este espaço, também pertencente a uma iniciativa privada, armazena dados referentes à história e cultura de diversos países e instituições particulares em uma estrutura de aço subterrânea, reaproveitando e reapropriando escavações de uma antiga mina de carvão abandonada. Centros de armazenamento digital como estes na Suíça e na Noruega, apesar de normalmente representarem iniciativas e clientes internacionais, também levam à reflexão e discussão sobre o papel dos arquivos, quem e o que eles verdadeiramente representam, e com qual finalidade¹⁸.

¹⁶ Mais informações sobre o *Swiss Fort Knox* disponíveis em: <https://mount10.ch/en/>. Acesso 11 jan 23.

¹⁷ Mais informações sobre o *Arctic World Archive* disponíveis em: <https://arcticworldarchive.org/>. Acesso 11 jan 23.

¹⁸ Sobre esse ponto, ver Mbembe (2002).



Imagem 6: Swiss Fort Knox (Mount 10), nos Alpes Suíços.
Fonte: Wikimedia Commons 2007.

Nesta mesma ilha norueguesa, o único vizinho do *Arctic World Archive* é um projeto que segue objetivos semelhantes de isolamento e proteção, mas neste caso, considerado como um recurso de importância vital - não como recordação, mas para a sobrevivência da humanidade. O *Global Seed Vault* [Cofre Global de Sementes]¹⁹ armazena mais de 930,000 variedades de espécies, compondo o que hoje é considerado como a maior coleção mundial de agricultura e biodiversidade. A concepção e construção do espaço foi financiada pelo governo Norueguês e sua administração operacional é feita em parceria com a *Crop Trust*, uma organização internacional sem fins lucrativos. O armazenamento de material biogenético na região começou em 1984, com a Nordic Gene Bank (agora chamada NordGen). Após a implementação de um tratado internacional em 2001, foi estabelecida a abertura deste projeto em escala global, e em 2008 o *Seed Vault* foi oficialmente inaugurado com a missão de criar

¹⁹ Mais informações sobre a *Crop Trust* disponíveis em: <https://www.croptrust.org/work/svalbard-global-seed-vault/> Acesso 11 jan 23.

uma reserva a possíveis e acidentais perdas de diversidade dos tradicionais bancos biogenéticos.

Apesar de ainda existirem inúmeros *bunkers* para proteção pessoal à ataques resultantes de conflitos entre diferentes grupos culturais ou fenômenos naturais, o uso de *bunkers* como repositórios coletivos para humanidade (ainda que utilizados de forma individualista) lidam com a possibilidade daquilo que pode ser perpétuo, e inalcançável pelo corpo. A proliferação de *bunkers* como cofres, e não mais como fortificações para refúgio de pessoas pode ser entendido através da mesma lógica das catacumbas egípcias, por exemplo, como “casas da eternidade”. Não necessariamente se busca a salvação, mas a imortalidade e reconhecimento através dos objetos e rituais que representem aquele que se foi.

Os *bunkers* do século XXI permanecem sendo símbolos de proteção e segurança, mas as adaptações dirigidas a eles dizem muito sobre as transformações naquilo que buscamos resguardar. Fundamentalmente, a mera existência destes espaços nos faz refletir sobre como criamos abrigos e esconderijos para nos salvar de problemas que nós mesmos criamos. Ao revisitar a palavra *bunker*, como Raymond Williams (1976) propõe, notamos que apesar da nomenclatura se manter e a formação espacial seguir semelhante, o uso destes espaços ficou mais complexo. Ainda que os *bunkers* atuais sirvam a mesma finalidade de resguardo originalmente proposta, há variações significativas em como estes espaços são empregados ao longo do tempo, seguindo concepções, crenças e necessidades de diferentes populações e culturas relativas à sua época. Para se entender esta palavra-chave devemos olhar não para o *bunker* em si, em sua dimensão de espaço de isolamento, mas para o contexto que gerou esta espacialidade.

Assim, retomo novamente o conceito do *bunker* como palavra-chave e ao mesmo tempo de “não-lugar”: a conjuntura *de fora* do *bunker* reflete condições de historicidade e cultura da sociedade vigente, isso é o que gera o espaço *de dentro* do *bunker*, que por sua vez, tem outra relação (ou falta de relação) com o meio, ao surgir como um espaço, mas não necessariamente um lugar (Augé 1995:77).

Refletindo sobre os exemplos apontados ao longo do ensaio, notamos que, em alguns casos, há uma reapropriação dos espaços dos *bunkers* quando estes são desativados, ou mesmo durante períodos em que não estão em uso. Estes momentos em

que a bolha do isolamento é rompida ajudam a reinsserir os espaços dos *bunkers* à vida cotidiana da sociedade que o idealizou, e simbolizam uma situação em que o espaço deixa de ser um *bunker*, ao mesmo tempo em que demarca um rearranjo que jamais poderá apagar completamente sua condição original; isso, como a sombra do registro de um palimpsesto. Já nos exemplos de usos mais contemporâneos dos *bunkers*, como cofres e cápsulas, sua condição como não-lugar é enfatizada: um espaço destinado a objetos, e não pessoas; um espaço cujo uso prioriza o resguardo do registro de diferentes culturas e sociedades, mas que não promove sua vivência. Ao mesmo tempo, ao servir como um arquivo da humanidade, estes espaços também acabam criando e evidenciando certas narrativas particulares, e salientando relações de influência e poder particulares. A condição de existência do *bunker* somente pode ser compreendida pela atenção ao seu contexto histórico e cultural, mas para atingir o objetivo de resguardo e segurança idealizado é necessário que este espaço esteja isolado do seu meio. *Bunkers*, enfim, são não-lugares bem inseridos.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. 1995 [1992]. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London: Verso.
- BILLÉ, Franck. 2022. "Subterranea: Notes on the notion of a geopolitical unconscious," *Geoforum*, Volume 132, 2022: 145-153
- GARRETT, Bradley. 2020. *Bunker: Building for the end times*. New York: Scribner Book Company.
- KAUFMANN, Joseph et al. 2012. *The Atlantic Wall: History and Guide*. Havertown: Pen & Sword Books Limited.
- KLINKE, Ian. 2018. "The Bunker and The Camp". In: Irit Katz, Diana Martin and Claudio Minca. *Camps Revisited*. London/New York: Rowman & Littlefield International, 2018: 281-294.
- LIFE MAGAZINE. 1945. "Mystery Town Cradled Bomb". *Life Magazine*, 20 de Agosto: 94-95. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hkgEAAAAMBAl&>

[printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false](#) .

Acesso em 11 jan 2023.

MASCO, Joseph. 2006. *The Nuclear Borderlands: The Manhattan Project in Post-Cold War New Mexico*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

MATTERN, Shannon. 2013. "Infrastructural Tourism". *Places Journal*, July. Disponível em: <https://placesjournal.org/article/infrastructural-tourism/> . Acesso 11 jan 23.

MBEMBE, Achille. 2002. "The Power of the Archive and its Limits." In: Carolyn Hamilton, Verne Harris, Jane Taylor Jane Taylor, Michele Pickover, Graeme Reid, Razia Saleh. *Refiguring the Archive*. Springer: Dordrecht.

PAGLEN, Trevor, et al. Trevor Paglen. Interview by Lauren Cornell, Phaidon Press, 2018.

STAMP, Elizabeth. 2019. "Billionaire bunkers: How the 1% are preparing for the apocalypse". *Cnn Style*, 7 de agosto. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/doomsday-luxury-bunkers/index.html> . Acesso 11 jan 23.

REYNOLDS, Adam e SPERA, Danielle. 2017. *Architecture of An Existential Threat*. Österreich: Edition Lammerhuber.

ROSS, Richard. 2004. *Waiting for the End of the World*. Princeton, NJ: Princeton Architectural Press.

VIRILIO, Paul. 2009 [1975]. *Bunker Archeology*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

WILLIAMS, Raymond. 1966. *Culture and society, 1780-1950*. 'First paperback edition: 1966'. New York: Harper & Row.

WILLIAMS, Raymond. 1976. *Keywords: A vocabulary of Culture and Society*. New York: Oxford University Press.

Enviado: 16/09/2022

Aceito: 06/12/2022